

LÍNGUA E LINGUAGEM DE PEPETELA N' *O DESEJO DE KIANDA E O CÃO E OS CALUANDAS*

por MÁRIO JOÃO CAETTANO
(Luanda, Angola)

Introdução

Língua e Linguagem de Pepetela n' *O Desejo de Kianda e O Cão e os Caluandas*, é um trabalho onde se pretende realçar aspectos não só lexicais, mas também morfo-sintácticos que muitas vezes tornam a obra um pouco difícil de interpretar para quem não tem um pequeno dicionário ou mesmo uma noção básica das línguas nacionais angolanas ou ainda uma pequena experiência no meio cultural angolano.

Primeiro faz-se uma breve introdução da personalidade do autor destas obras, Pepetela. Depois passa-se ao resumo/análise do conteúdo das duas obras a fim de apresentá-las ao leitor e depois uma análise lexical e morfo-sintáctica das obras. A questão dos empréstimos de línguas nacionais angolanas na literatura angolana de expressão portuguesa é ainda uma área por se explorar e desenvolver. Até ao momento muito pouco foi escrito sobre esta problemática, ou seja, da riqueza das literaturas angolanas (e não só!) de expressão portuguesa.

No fim deste trabalho apresenta-se um pequeno dicionário de vocábulos recolhidos nestas duas obras e expostas com uma tradução a mais equivalente possível e, sempre que possível, com a origem das mesmas. Para tal foi necessário recorrer à dicionários existentes, principalmente os de *kimbundu*-português.

Pepetela

Pepetela¹ nasceu em 1941 em Benguela, Angola. É hoje um dos escritores angolanos de expressão portuguesa mais conhecidos a nível internacional e a sua contribuição para a literatura angolana enriqueceu não só a literatura angolana, mas também a lusófona em si.

Em 1958 partiu para Lisboa, onde ingressou no Instituto Superior Técnico (Engenharia) frequentando até 1960. Em 1961 passou para o curso de Letras. Dois anos depois ingressou na Luta de Libertação que começara em 1961. Mais tarde quando exilado na França e Argélia, graduou-se em Sociologia. Após a independência de Angola em 1975 Pepetela foi nomeado Vice-Ministro da Educação no primeiro Governo da República Popular de Angola. Actualmente vive em Luanda onde é professor universitário.

¹ Nome próprio: Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos.

Além de vários prémios nacionais e internacionais a partir de 1980, foi-lhe atribuído, em 1987, o Prémio Camões pelo conjunto das suas obras.

Conteúdo das obras

O Desejo de Kianda, 1995

Nesta obra Pepetela tenta mostrar uma vida normal do quotidiano luandense num certo bairro de Luanda. Descreve lugares mais conhecidos, pitorescos e frequentados e o próprio centro da narração se desenrola num dos largos mais conhecidos de Luanda – o Largo do Kinaxixi.

Esta simples, modesta mas também autêntica história começa com o casamento de um par cujas personagens são distintas, pelo comportamento, uma da outra. A parte masculina do par, João Evangelista, desempenha aqui o protótipo de um marido que cumpre e respeita a sua parceira, Carmina. Esta, é uma personagem de uma ambição política sem tréguas no Jota (JMPLA – Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola), mais tarde no próprio MPLA e muito detestada pelo seu jeito de ser e maneira de agir. As suas ambições e intrigas com o marido formam o primeiro motor da obra. Por outro lado temos um fenómeno misterioso que decorre neste Largo do Kinaxixi. Fenómeno enigmático que no início vai ao encontro com a vida do casal. O fenómeno é a inexplicável queda de prédios no Largo do Kinaxixi, cuja primeira queda ocorreu uma hora após o casamento de João Evangelista com Carmina, num dos prédios próprio largo. Os Caluandas² por antipatia para com Carmina tentaram relacionar os dois factos, mas não havia qualquer tipo de relacionamento. Os prédios caíam sem explosão alguma, sem ferimento dos moradores e estes passavam a morar no próprio largo em tendas.

Com o decorrer desta obra outros prédios iam caindo com o crescimento da carreira política de Carmina, o que atraiu a atenção de cientistas de toda a parte do mundo. Entre estes dois motores da obra existe ainda um menor que pouco a pouco vai esclarecendo o fenómeno explicando a história da cidade de Luanda, incluindo a do Largo do Kinaxixi. Aqui os leitores ficam a saber que antes havia uma grande lagoa habitada por uma *kianda* e com a construção do largo obrigaram a *kianda* a viver por debaixo do largo.

Este assombro representava a insatisfação da *kianda*. Depois de todos os prédios terem caído, ficou no largo uma grande lagoa que se ligou ao mar permitindo à *kianda* um caminho directo para o mar, para a liberdade.

O Cão e os Caluandas, 1985

Pepetela nesta sua obra tenta testemunhar, de uma forma muito original, alguns aspectos da sociedade angolana, principalmente nos anos 80 do século XX. A obra é constituída por várias narrações com narradores diferentes em que em todas elas aparece um cão pastor-alemão de nome Lucapa. A sua pre-

² Também *Kaluandas*, denominação pepetelina para denominar os habitantes de Luanda.

sença em várias narrativas difere-se, sendo algumas das vezes personagem motor da acção como em *O cão escapa aparecer no jornal, Ciume, Carnaval de Kianda*, etc. Noutras narrativas é somente uma figura que se lá não estivesse presente, nada mudaria o decorrer e fluxo dos acontecimentos como, por exemplo, em *Entre judeus, Objecto: relatório das ocorrências na bicha do «Martal»*, etc.

Estas narrativas demonstram várias situações de circulação do cão pastor-alemão pela cidade de Luanda e arredores com os seus habitantes. Facto muito interessante é a forma de como Pepetela revela várias camadas da cidade de Luanda, não só dos seus “modus vivendi”, mas também pela sua linguagem que se difere de narrativa em narrativa. São estes e outros factores que revelam o comportamento dos moradores de Luanda, os Caluandas. A estrutura do tempo e espaço são também factores decisivos na orientação do leitor através das narrativas.

As histórias são compostas numa primeira etapa por vários depoimentos, artigos de jornais, actas de reuniões, relatórios, ofícios burocráticos, peças de teatro, etc. Numa segunda etapa trata-se de um diário de uma jovem menina que, segundo o seu diário, o leitor fica a saber do verdadeiro nome do cão – Lucapa. O depoimento em si revela uma animosidade entre o cão e uma planta buganvília, tendo o mesmo, por fim, eliminado a buganvília com uma fúria horrenda. Estas duas etapas intercalam-se revelando paulatinamente o verdadeiro paradeiro do cão, considerado, em várias etapas, como um mero cão de rua.

Estas narrações também tentam revelar (umas mais, outras menos) o ponto de vista do cão que é geralmente o mesmo em cada capítulo. O cão aparece e desaparece quase da mesma forma, deixando sempre reacções diferentes às personagens que o conheceram. Um indiferentes, mas outras chegavam até a amar ou detestar o animal.

Nestas duas obras acima relatadas Pepetela oferece ao leitor uma sátira social dos moradores de Luanda, facto que faz muito bem, formando assim um histórico daquilo que Luanda era nos tempos descritos.

Introdução à língua e linguagem

Para revelação de um mundo em transformação, Pepetela busca não só novas estruturas narrativas, mas renovados materiais linguísticos e estilísticos: kimbundismos, sintaxe popular, calão (ligado a novas realidades), arcaísmos, corruptelas jocosas e simbólicas e sobretudo neologismos. Esta neologia (vocábulos inventados ou acoplados – cadavez, maliducação, masé, etc.), extravasa analogicamente para um indeterminante número de novas locuções. É neste terreno e no da metáfora que se tenta delimitar aspectos da língua de autor que Pepetela usa, em sintonia com a confirmação da sua angolinidade.

Esta angolinidade destaca-se, por exemplo, n’*O Desejo de Kianda* e *O Cão e os Caluandas*, no código temático, nos processos de enunciação e no gosto pela sintaxe popular. Histórias de histórias, pronunciam em acções os juízos que con-

denam o colonialismo e o imperialismo num primeiro plano, e os defeitos da sociedade angolana pós-independente num segundo plano.

A linguagem de Pepetela é a procura pela originalidade e beleza africana. Porém, mais do que isto é o esforço de revelação de um mundo preexistente, sem dúvidas, mas em mutação/morfose. Um mundo africano culturalmente misto que se transforma e continua a transformar-se à busca da sua própria identidade. Daí a presença dos kimbundismos e calão luandense e a invenção de uma linguagem e lexemas novos para transcrever um mundo novo, ou olhado de uma outra maneira.

Os neologismos – termos acoplados, alterações semânticas, etc. – são o oposto de estagnação da língua, e exprimem uma língua cheia de vida e energia. Depois, o discurso é sempre ideológico e é, em grande parte, pela instituição de palavras novas ou renovadas que a linguagem de Luanda (e não só de Luanda!) adquire o poder semântico da revolução.

Exemplos de neologismos:

- “*Cruzei a Mutamba, desci **prá** baixa.*” (PEPETELA, 2004: 13)
- “*Os engenheiros [...], pensam que sabem muito porque estudaram umas contitas e uns **desenhozecos**, mas são quadrados como a minha avozinha,...*” (PEPETELA, 1995: 62)
- “*essa tua mania de espírito das águas, estás **masé** a ficar maluca.*” (PEPETELA, 1995: 77)
- “*Arnaldo Santos, o escritor do Kinaxixi, sorria e dizia é preciso **masé** tapar a saída da Rua da Missão,...*” (PEPETELA, 1995: 78)

A reprodução, viva e cintilante da fala luandense é, logicamente, a base desta aventura em que se depara grande abundância de corruptelas de natureza lexical e sintáctica. São muito variadas as peculiaridades desta linguagem altamente inventiva e colorida. Antolham-se inúmeras formas encorpadas, por vezes pejorativas, muitas das quais são aumentativos, mas sobretudo diminutivos. Têm amiúde, estes diminutivos têm uma carga psicológica pronunciada, igualmente sensível em diversas metáforas, como as que transpõem o mundo familiar para a natureza ou amaciam o cenário da acção.

Pepetela nestas obras utiliza duas linguagens. Estas linguagens não são utilizadas paralelamente mas simultaneamente. A primeira linguagem é o que seria a linguagem corrente, influenciado pelo português padrão e a segunda é a linguagem popular, falada nas ruas, nos mercados, em diversões populares, etc., pela mais vasta gama dos locutores. Esta linguagem popular a que Pepetela recorre é influenciada por línguas nacionais e em especial pelo *kimbundu*. Nestas obras podemos dividi-la, primeiramente, em dois tipos:

1. O **primeiro tipo** utiliza como base o português e está dividido em duas formas que são utilizadas de outro modo em relação ao português padrão, ou seja, com o conteúdo semântico diferente, ou seja, gírias:
 - 1.1 o lexical (primeira forma), e
 - 1.2 a sintaxe (segunda forma)

2. O **segundo tipo** pode ser também dividido em duas formas:

2.1 a que apresenta léxicos do calão ou linguagem popular angolana, ou seja, que não provêm nem de línguas nacionais faladas em Angola, nem do português padrão, e

2.2 a que agrupa palavras provenientes de línguas nacionais angolanas.

É necessário constatar que tanto as línguas nacionais em Angola como o português sofreram influências mútuas, algumas com maior, outras com menor interferências. Ainda que no tempo do colonialismo português as línguas nacionais se encontravam em posição de substrato para com a língua portuguesa (superstrato), hoje a situação é diferente. As duas encontram-se em posição praticamente igual, ou seja, de adestrados. Aqui aproveitamos mostrar alguns exemplos retirados d'*O Desejo de Kianda* e d'*O Cão e os Caluandas*, para melhor demonstra o que se vem de constatar.

Exemplos

1.1: lexical português, conteúdo semântico diferente:

- “*Os cientistas da **banda** eram constantemente solicitados a darem a sua opinião.*” (PEPETELA, 1995: 15)
- “*À boa moda da **banda**, não saíram dali sem acabar a garrafa.*” (PEPETELA, 1995: 76)
- “*Gostava mesmo é que vocês mexessem um **coche** também com as mãos.*” (PEPETELA, 2004: 48)

1.2: sintaxe portuguesa, outra forma de expressão:

- “*porque aqui já não há guerra, **vive-se nas calmas***” (PEPETELA, 1995: 62)

2.1: léxicos do calão ou linguagem popular angolana:

- “*Agora se assiste a uma recuperação colonial, há **bué** de gente com saudades daqueles tempos, dizem se vivia melhor do que depois da Dipanda.*” (PEPETELA, 1995: 32)
- “*Meu filho, o mais velho Marx explicou há **bué** de tempo.*” (PEPETELA, 1995: 24)
- “*apodados geralmente por CCC de bananas, frouxos, **malaicos** e outros cumprimentos.*” (PEPETELA, 1995: 40)
- “*Se o Joaquim Domingos que é quase **matumbo**, foi o ano passado, porque não havemos de ir?*” (PEPETELA, 1995: 58)
- “*Agora é só esperar pela **bufunfa**.*” (PEPETELA, 1995: 58)
- “*eles só estão aqui para ganhar uma **patacas** e que se lixe a terra.*” (PEPETELA, 1995: 62)
- “*Muitos morreram por ingerirem **caporroto** barato, destilado clandestinamente com pilhas para acelerarem a fermentação*” (PEPETELA, 1995: 75)
- “*tens sorte de ter casado com Carmina, mas são os **mambos** de toda gente*” (PEPETELA, 1995: 91)

- “*onde vamos descer? Se perguntava na bicha de **maximbombo***” (PEPETELA, 1995: 100)

2.2: léxicos provenientes de línguas nacionais angolanas:

- “*qualquer dia é um verdadeiro **kimbo***” (PEPETELA, 2004: 65)
- “*Porque os lacaios dos Tobias já ouviram o **mujimbo** e estão a fazer corredores no Partido...*” (PEPETELA, 2004: 111)
- “*As **kitandeiras** pegaram-se nas **ba ulas**, digo **ba ulas** mesmo, os **monas** meteram-se na **maka** pra roubar as latas abandonadas, os clientes começaram receber murros dos operários, algumas carteiras aproveitaram logo sumir nos bolsos dos lumpens... **kazukuta** totalé!*” (PEPETELA, 2004: 107)

O kimbundu e Pepetela

Pepetela sofre influência, como supramencionado, de línguas nacionais, nomeadamente do *kimbundu* que é língua prefixa, aglutinante e tonal, que dá realce aos aspectos (quer dizer do ponto de vista de quem enuncia), com a ausência de alguns tempos e modos, o que tem como consequência haver trocas, por analogia, de alguns deles. A troca de pronomes da posição enclítica para proclítica é um fenómeno que se pode explicar pelo facto de as línguas *bantu* (que mais influenciam o português) terem seus pronomes em posição proclítica. Este facto é também corrente no Brasil. A sintaxe normativa da língua portuguesa de Portugal, sendo modal e temporal, ao sofrer interferências de uma outra norma de falar, torna-se, por vezes, cómica ou simplesmente imprevista. A adopção de modos gramaticais do *kimbundu* no uso da língua portuguesa está de acordo com a construção de um estilo que apresenta similitudes muito marcadas com a oralidade africana.

O *kimbundu* é uma das diversas línguas *bantu* que são faladas em Angola, mais precisamente na capital, Luanda e Província de Luanda, Malanje, Kwanza Norte, Bengo, nas zonas fronteiriças ao sul das províncias de Uíge e Zaire, assim como ao Norte da Província do Kwanza Sul.

Do ponto de vista etnolinguístico, o *kimbundu* é a língua dos *Ambundu*. Tendo em conta a classificação das línguas *bantu*, apresentada por Malcom Guthrie, o *kimbundu* pertence à zona H 20. (1948: 50)

Sendo a língua Portuguesa utilizada como *lingua franca* e a única língua oficial em Angola, existe, hoje em dia, uma grande interferência do *kimbundu* na língua portuguesa utilizada principalmente em Luanda. Mas o português está a adquirir várias palavras não só do *kimbundu*, mas também de outras línguas, pois isto depende, obviamente, em que meio e grupo etnolinguístico a mesma se encontra.

Este estudo centra-se nos empréstimos principalmente do *kimbundu* utilizados nas duas obras de Pepetela, ou seja, as interferências provenientes do contacto entre as duas sociedades, nomeadamente, uma comunidade de origem Europeia, falando uma língua neolatina, o português e, uma outra, de origem africana, falando uma língua *Bantu*, o *kimbundu*.

Pepetela em sua obra apresenta algumas destas diferenças linguísticas importantes que são base de muitas alterações morfo-fonológicas e morfo-sintáticas que caracterizam o português de Angola relativamente ao de Portugal.

As mudanças que podemos constatar n' *O Desejo de Kianda* e *O Cão e os Caluandas* são possíveis num contexto específico como o de um contacto de línguas e culturas diferentes numa relação precisa, que é caracterizada por uma situação colonial.

É ainda necessário constatar que Pepetela na sua transcrição de palavras nacionais angolanas para a literatura não é uniforme, ou seja, algumas vezes recorre à transcrição internacional para as línguas africanas (como o kiswahili), que são geralmente fonéticas (maka, kumbu, bazar, kota, kazukuta, etc.) e outras vezes recorre à uma transcrição com base nas regras do português padrão (kisanje [kisanje], mujimbo [mujimbu], quitata [kitata], kimbo [kimbu], quioco [kyoku], Caluanda [kalwanda], muceque [musek] etc.).

As interferências

Em geral. Assim como acima mencionado, o português por ter sido língua obrigatória durante a presença colonial portuguesa em Angola e não só, era também um índice de civilização. Os Africanos para poderem compartilhar das regalias europeias, deviam passar a vários obstáculos, e um deles era a prova de sabedoria da língua e cultura portuguesas, para receberem o estatuto de assimilado. Entretanto, sendo a quase totalidade dos Angolanos analfabeta, verificou-se uma tendência grande para adaptar as estruturas das línguas *bantu* ao português, criando uma convergência linguística nas interacções idiomáticas que constitui a base do fenómeno de interferência. (MINGAS, 2000: 59)

Lexicais. Tal como com qualquer outras línguas em que se registam interferências linguísticas, a maior percentagem de interferências são feitas a nível de léxicos. Pepetela em sua obra também demonstra este fenómeno. Aqui estão alguns exemplos:

- “Agora se assiste a uma recuperação colonial, há bué de gente com saudades daqueles tempos, dizem se vivia melhor do que depois da **Dipanda**.” (PEPETELA, 1995: 32)
- “Como não podia deixar de ser, os **kotas** falavam da sua meninice kinaxixense” (PEPETELA, 1995: 47)
- “aqui à volta da lagoa era tudo terra vermelha, essa terra **muceque**, do cepo cortado saía um líquido” (PEPETELA, 1995: 47)
- “o sítio onde há trinta e tal anos derrubaram a mafumeira de **Kianda**, quando construíram a praça.” (PEPETELA, 1995: 46)
- “Mestre Mingo, conhecido por ladrão da urbe, segredou para os **kambas**, meus, esse kota americano é bué, tá dizer Luanda parece Los Angeles.” (PEPETELA, 1995: 80)
- “As **kínguilas** também andavam contentes, até já tinham inventado uma canção” (PEPETELA, 1995: 82)

- “*Mais (sic) velho Mateus, chateadíssimo no seu canto e sempre a insistir com Dona Mingota, sua esposa e mãe do noivo, para **bazarem** já porque aquele era um casamento espúrio*” (PEPETELA, 1995: 12)
- “*Honório voltou aos escombros, para as buscas e as inevitáveis **makas** de vizinhos.*” (PEPETELA, 1995: 43)

Exceção – Cokwe [tchokwe]

- “*Mas tinha de filtrar bem os **mujimbos**, pois se dissesse que tinha encontrado um amigo que agora era animador dum partido novo*” (PEPETELA, 1995: 19)

Morfo-sintáticas. Menos afectada pelas interferências, embora se registem algumas. O *kimbundu*, como aliás todas as línguas *bantu*, é uma língua em que os substantivos estão organizados em classes, representadas por grupos paritários de prefixos, o que não acontece em português.

Tendo como a referência as construções onde o pronome em função de complemento directo e/ou indirecto apresenta a mesma estrutura formal, Pepetela utilizou a mesma construção utilizada na vida quotidiana luandense ou até angolana. Porém na totalidade dos exemplos, constata-se na variante angolana, por interferência do mesmo tipo de construção em *kimbundu*, que o pronome não é nunca enclítico como em português,³ excepto casos particulares, mas proclítico.

Exemplos:

- “*Mas João sabia **lhe dar** prazer.*” (PEPETELA, 1995: 22)
- “*Uma criança caiu do quinto andar e **se afogou.***” (PEPETELA, 1995: 34)
- “*caíam no asfalto a tentar **lhe pontapear***” (PEPETELA, 2004: 98)

Conclusão

Este trabalho pode ser uma humilde amostra daquilo que hoje encontramos geralmente nas literaturas angolanas de expressão portuguesa, não só escritas por Pepetela, mas também por outros escritores que utilizam com alguma abundância os empréstimos das línguas nacionais angolanas. Esta é uma das formas que fazem com que a literatura angolana esteja ligada o máximo possível com as questões do dia a dia e certamente com a linguagem expressa pelos seus locutores. Por outro lado, existe, sem dúvida, uma maior interferência do português nas línguas nacionais de Angola que podem, muito seriamente, no futuro, mudar a estrutura, vocabulário, etc. das mesmas, se o Angola não optar por uma política de preservação das línguas nacionais mais dinâmica e efectiva.

No tempo colonial foram realizados vários estudos sobre a situação etnolinguística do país. Mas agora com a independência e a possibilidade de Angola ter em criar a sua própria história analisando também a situação etnolinguística do país, que entretanto mudou, deve incentivar as instituições responsáveis para

³ Regra geral e excepto os casos particulares como negação, seguido de pronome relativo, etc.

estudos sérios, detalhados e coerentes da situação. Hoje já é possível basear-se em estudos linguísticos modernos que permitem melhor analisar a problemática linguística formando uma metodologia uniforme para as línguas nacionais nas áreas de fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica.

Neste momento estão os autores angolanos a escrever na única língua oficial de Angola utilizando, como factor de embelezamento, diversas expressões de línguas nacionais. Espera-se porém que um dia a literatura angolana possa ser também enriquecida por obras em línguas nacionais. Esta realidade já se faz sentir cada vez mais com o *kiswahili*, mesmo se a mesma além de ser língua nacional seja também oficial (Tanzânia, Quênia, Uganda), o que facilita o seu estatuto. A literatura aqui teria um factor de preservação e divulgação da língua.

VOCÁBULOS NAS DUAS OBRAS

- **baçulas** – rasteiras – *kimbundu* (PEPETELA, 2004: 103)
- **bala** – dinheiro – linguagem popular (PEPETELA, 2004: 161)
- **banda** – “nosso país natal”, mas pode também ter o significado de “nosso bairro” quando já presente em Angola – gíria (PEPETELA, 1995: 15)
- **batuta** – prestígio, classe – linguagem popular (PEPETELA, 2004: 47)
- **bazar** – ir-se embora, fugir – *kimbundu* (*kubaza*) (PEPETELA, 1995: 12)
- **bué** (se a palavra seguinte é um adjectivo, utiliza-se sem preposição⁴ e se a palavra seguinte é um substantivo utiliza-se a preposição *de*) – muito – linguagem popular (PEPETELA, 1995: 24)
- **bufunfa** – dinheiro – linguagem popular (PEPETELA, 1995: 58)
- **bumbar** – trabalhar – linguagem popular (PEPETELA, 2004: 108)
- **bumbo** – negro – linguagem popular, geralmente designado de *mbumbu* (PEPETELA, 2004: 32)
- **bunda** – traseiro – *kimbundu* (*mbunda*) (PEPETELA, 2004: 89)
- **Caluandas** – o mesmo que naturais de Luanda – *kimbundu* (mu kwa Luanda)
- **campunas** – camponeses – calão (PEPETELA, 2004: 12)
- **cazumbi** – espírito – *kimbundu* (*kazumbi*) (PEPETELA, 2004: 152)
- **coche** – um pouco, pedaço – gíria (PEPETELA, 2004: 48)
- **cubar** – viver, dormir – de origem *kimbundu* de *kubata* (PEPETELA, 1995: 39)
- **cubata** – palhota – *kimbundu* (*kubata*) (PEPETELA, 2004: 53)
- **cubico** – casa – linguagem popular (PEPETELA, 1995: 39)
- **dicanzas** – instrumentos musicais também conhecidos por reco-reco – *kimbundu* (*dikanza*) (PEPETELA, 1995 (2): 93)
- **Dipanda** – independência – *kimbundu* (*dipanda*) (PEPETELA, 1995: 32)

⁴ No português falado em Portugal, bué já encontrou a sua utilização entre jovens e não só, mas por enquanto utiliza-se somente antes de um adjectivo, por exemplo bué da bom.

- **dongo** – canoa feita de um tronco de árvore escavado – *kimbundu* (*ndongu*) (PEPETELA, 2004: 167)
- **gomas** – batuques, tambores – *kimbundu* (*ngoma*) (PEPETELA, 2004: 98)
- **haka** – interjeição de espanto – *umbundu* (PEPETELA, 2004: 184)
- **kambas** – amigos – *kimbundu* (*dikamba*) (PEPETELA, 1995: 80)
- **kandengues** – miúdos, crianças – *kimbundu* (*kandenge*) (PEPETELA, 2004: 24)
- **kazukuta** – nome original duma dança. Hoje em dia também sinónimo de confusão – *kimbundu* (PEPETELA, 2004: 93)
- **kianda** – entidade sobrenatural das águas. As kiandas vivem na água, quer no mar, quer no rio, quer em lagoa, mesmo em qualquer sítio onde haja pequena porção de água permanente, podendo mostrar-se sob qualquer aspecto – pessoa, peixe. Em forma humana, podem apresentar-se como indivíduos do sexo masculino ou feminino. As aparições da kiandas apresentam um bom ou mau indício. Por efeito de simpatia, influem gestação originando indivíduos anormais, como os deformados fisicamente – *kimbundu* (*kianda*) (PEPETELA, 1995: 46)
- **kíbuas** – mentiras – *kimbundu* (*kibwa*) (PEPETELA, 2004: 90)
- **kimbo** – aldeia – *kimbundu* (*kimbu*) (PEPETELA, 2004: 63)
- **kínguilas** – vendedora em mercados – *kimbundu* (*kingila*) (PEPETELA, 1995: 82)
- **kissanje** – instrumento musical – *kimbundu* (*kisanje*) (PEPETELA, 2004: 64)
- **kitanda** – mercado – *kimbundu* (*kitanda*) (PEPETELA, 2004: 82)
- **kitandeiras** – vendedoras de rua ou de mercado – *kimbundu* (de *kitanda*) (PEPETELA, 2004: 103)
- **komba** – velório na casa do morto. Sítio em que se come, bebe em função de despedida com o mesmo – *kimbundu* (*komba*) (PEPETELA, 2004: 94)
- **kota** – velho – *kimbundu* (*kota*) (PEPETELA, 1995: 47)
- **kumbu** [kumbú] – dinheiro – linguagem popular (PEPETELA, 2004: 99)
- **maka** – problema, conflito, discussão – *kimbundu* (*maka*) (PEPETELA, 2004: 90)
- **malaico** – pessoa falhada – linguagem popular (PEPETELA, 1995: 40)
- **mambo** – coisa, caso – linguagem popular. Aparentemente de origem *Bantu* como por exemplo em *kiswahili* (língua do leste africano), que é a língua *Bantu* mais utilizada, existe jambo, sg. e mambo, pl. e significa coisa, coisas (PEPETELA, 1995: 91)
- **matumbo** – adj., indivíduo bastante atrasado, ainda não liberto dos costumes primitivos. Selvagem. Ignorante. Bisonho. Inexperiente – linguagem popular (PEPETELA, 1995: 58)
- **maximbombo** – autocarro – linguagem popular (PEPETELA, 1995: 100)
- **milongos** – feitiços – *kimbundu* (*milongu*) (PEPETELA, 2004: 86)
- **mona-kaxito** – arma, lança-obuzes reactivo – *kimbundu* (trad. filho de Caxito) (PEPETELA, 2004: 176)
- **monandengue** – miúdo – *kimbundu* (*monandenge*) (PEPETELA, 2004: 108)
- **monas** – miúdos, filhos – *kimbundu* (*mona* ou *mwana*) (PEPETELA, 2004: 102)
- **muadié** [as vezes **medié**] – senhor – *kimbundu* (*mwadie*) (PEPETELA, 2004: 105)
- **muceque** – terreno arenoso, mas agricultável, situado fora da cria marítima, em planície de atitude – *kimbundu* (*museke*) (PEPETELA, 1995: 47)
- **mufete** – prato tradicional angolano: peixe grelhado e feijão com óleo de palma – *kimbundu* (*mufete*) (PEPETELA, 2004: 171)

- **mujimbo** – notícia, mas também boato – *cokwe (mujimbu)* (PEPETELA, 2004: 107)
- **ngwêtas** [ngweta] – brancos – kimbundu (*ngweta*) (PEPETELA, 2004: 108)
- **pancava** – comia – linguagem popular (PEPETELA, 2004: 23)
- **quitata** [kitata] – prostituta – *kimbundu* (kitata) (PEPETELA, 2004: 141)
- **zuna** – em alta velocidade – linguagem popular (PEPETELA, 1995: 109)

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Albino, 1951: *Dicionário etimológico bundo-português*. Lisboa: Tip. Silvas.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lyndley, 1984: *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Ed. João Sá da Costa.
- GUTHRIE, Malcolm, 1948: *The Classification of the Bantu Languages*, London, Oxford University Press.
- MINGAS, Amélia A., 2000: *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*. Porto: Chá de Caxinde.
- PEPETELA, 1995: *O Desejo de Kianda*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- PEPETELA, 2004: *O Cão e os Caluandas*. Luanda: Editorial Nzila.
- REDINHA, José, 1974: *Etnias e Culturas de Angola*. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola.
- MULELE, s.d.: *Guia de Conversação em Kimbundu*. Luanda: Centro de Catecumenato – PP. Capuchinhos.
- VV/AA, 1976: *Angola – Culturas tradicionais*. Coimbra: Instituto de Antropologia, Universidade de Coimbra.